



ROCHA' MARTINS

FANTOCHES

UNDERWOOD



PERFEITA COMO
UM RELOGIO
DE PRECISÃO

AGENTES
THE MODERN OFFICE LTD.

Casa especial de mobiliário e artigos para escritórios

R. do Alecrim, 107, 109

LISBOA

Telefone : C. 3056

FANTOCHES

BASTIDORES DA POLITICA E DOS NEGOCIOS

DIRECTOR E EDITOR

ROCHA MARTINS

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Rua do Alecrim, 65 — LISBOA — Telefone 2440 - C.

O Entrudo Desmascarado

Os mascarados do senhor Roberto — Como éle os descreve — Dos isolados ás famílias — A morte e a mascara — Da alta roda ao povo — O Diabo é o Roberto ?

Roberto, habitualmente tão azevieiro, acordou amacambuziado e eu cheio da desconfiança de que alguma fantocha lhe tivesse dado cóca e ôca, hipnótisei-o numa troça a quem se julgava invulneravel ás hipocondrias e até me aparecia, qual poeta em público, nenioso e molengão.

Explicou-me, então, que no Carnaval não contassem comi éle; embezerrava, recolhia-se, pois gostava de rir durante o outro: o Entrudo desmascarado, aquele que via todos os dias, excepto durante a época oficial calendarisada para a folia.

— As máscaras — declarava o Roberto — vejo eu passar quotidianamente em diversas ruas, em vários locais, em todos os sitios desde as igrejas até aos bailes e desde as escolas até aos cemitérios. Senão acredita vem comigo apenas descer o Chiado e eu te mostrarei os meus *pierrots* de sempre, os meus *chéchés*, os meus *galegos*, os meus *fraldas de camisa*, os meus disfarçados em tudo quanto não são, e elas, as *pierrettes*, as á *moda do Minho*, as *duquezas*, as *hespanholas*, as *ovarrinas*, lingidas, falhas de representar a verdade, mentirosas tambem como eles, neste salsifré mascarado da vida em que se sorri quando se odeia e se diz eternamente o contrário do que se pensa.

Pois o que são mais alem de *pierrots*, certos janotinhas que besuntam, como eles, os lábios e em vez de se adengarem para as Columbinas, endulçaram os olhos alvados para outros da sua qualidade gementes e adamados? E ha tantos por aí, de braço dado, subindo e descendo, enchendo a cidade, namoriscando-se, bem vestidos, de mãos alvas e rebolidões indecentes!! E aquele velhote de pancinha apertada,

a careca coberta de capachinho, querendo esterlicar-se no fato, e glabro, despelado, desencarajado das cãs, dentadura postiça, modos melífluos e ares de mundano que monoculisa as mulheres e linge poder amá-las? O autentico *chéché* desde o monóculo e acima de tudo feito, amassado, com o clássico e cambronêsco distico do chapéu.

Galegos, então, são ás duzias, ás centenas, aos milhares, frétistas dos banqueiros, dos moageiros, dos políticos, dos que têm influencia, moços da vida uns, moços de fretes outros, abanicando-se pelas ruas a enaltecerem as qualidades daqueles que lhes pagam ou de quem alguma, cousa esperam, as virtudes do milionario, o desinteresse do grande industrial do pão de serradura, o senhor Victorino Guimarães, a cordealidade, em segunda mão, do senhor Bernardino, o genio do senhor Silva, e destreza do senhor espadachim, até a beleza da amante do mercador de virgens ao qual, o lisongeiro, tenciona vender a filha, lá mais para diante, quando a outra se tornar feia,

E os *fraldas de camisa*? São todos esses que num paradoxo, aparecem magnificamente enroupados. Tudo aquilo não passa de fachada, de taboleta, réclamo para os outros os atenderem porque trazem sobretudo de peles e luzem brilhantes falsos e de vez em quando algum de mais agua. São os que tratam dos seus negócios mentirosos em grande espalhafato e se relacionam com varias pessoas para se darem ares das suas intimidades e isto em Lisboa—oh! se assim é!—torna-se tão facil que não ha homem honrado isento, até hoje, de tutelar um ladrão.

Isto são amostras das minhas figuras mascaradas—tornava Roberto—: O grosso dêste exército palhacêsco farandulante está em toda a parte com rótulos falsos. E' o ministro cúmplice das negociatas, o comerciante que rouba dizendo-se na espinha, o juiz que negocea com as partes ou absolve por medo aos reus, o militar que luz os galões na rua do Ouro e leva bofetada da mulher lá em casa, o janota desialcado de ceroulas, a ingenua noiva que sorri dentro do trem nupcial, Chiado acima, gostando dos comentários que adivinha dos vadiotes que para ali se expõem ao sol como a outra vadiagem avoenga se despiolhava nas portarias dos conventos. E os gestos de toda esta humanidade mascarada, os seus ares, os seus rostos macaqueando a dôr, a alegria, o interesse, o cuidado: «como passa, oh! bem, quanto folgo»; melhorou?! «oh! querido amigo». E como eles odeiam, e como eles os desejavam aniquilados, eguaes aos mortos que passam em seus caixões e aos quais se tira o chapéu numa reverencia tão indifferente, como se saúda a bandeira e se lê os epitafios nos cemitérios. A própria morte, amigo, é uma mascarada. Que extranhos dizeres em quási todas as campas: *saudade terna*; *ao inesquecivel esposo*, *ao anjo do lar*, *ao querido marido*, *perpétua lembrança*, tudo isto em corôas, em bronze, em pedra, em vidrilhos, conforme as posses dos mentirosos que sabem muito bem não existirem saudades perenes, que o esposo já tem substituto, ou tinha parceiro, que o anjo do lar era uma desmazelada, que a perpétua lembrança é apenas uma frase do cangalheirismo. E elas?! Elas, então?! Como as minhas *pierrettes*—continuava Roberto sarcasticamente—fingem tudo desde o amôr à ingenuidade. Informam-se todas das posses de requestador, emposticam-se, desde os seios á alma, fazem combinações extranhas conforme elles lhes aparecem e assim ou são à *moda do Minho* quando desejam automovel, palácio, joias, ou são *duquezas* exquisitas, se o homem alega aristocratismos, no fundo excelentes regatôas capazes

de falar calão como na alta roda da burguesia. E creia-se ser verdade que meninas virgens tomam atitudes luxuriosas e desnalgadas de ovarinas a acirrarems os pretendentes ou se emantilham de branco, penteados altos, o pente giganteo nas cabeleiras — ha até virgens de cabelo e rostos pintados sem serem as dos quadros — a sensacionarem quem as namora.

Toda essa forçada mentira passa aos nossos olhos e só a vê quem já se habituou. Repare-se bem na sua passagem de certa família de alto coturno e ver-se-ha que alguma cousa separa aquela gente. O pai anda nos *clubs*, a mãe nos bailes, a filha nas festas, os filhos na estroinice ou no efeminamento, toureiros ou efebos, desdenhando os da sua roda que trabalham e lutam, os fidalgos que arranjaram profissões honradas, os burgueses que não largaram os negócios paternos. O papá joga entre meretrizes, mamã delira sob os olhares dos gulosos de sorvamentos carnaes, lisongeada e decidida pela centessima vez, a ouvir a filha dizer do amante novo: «é o *flirt da mamã*; coitada! ela é tão infeliz! O Papá anda sempre com más mulheres». E justifica precocemente o seu namoro que não a respeita e a qual o irmão se é efebo procura captar e se é valentão hesita em descadeirar preferindo mergulhar as maguas na taberna do José Dieguez, soluçando à saída: «oh! caramba tenho cá um desgosto . . . e para que não haja enganoss, acrescenta: do Cadaval, menino, que rica pinga e que rica gente . . . !

A classe média parodia, em mais réles, parte dos ricassos, sendo mais trabalhadora, mas não aproveitando em resultados por causa dessa tendencia para luxos, hábitos, costumes que estão fóra do seu alcance e, embora, felizmente, a maioria dos dois grupos não seja assim, ha, nos apontados exemplos, tipos dum clichésismo sem retoque.

O povo, êsse, produz o menos que póde, barafusta até ir para a esquadra, diverte-se a seu modo e anavalha a mulher se ela o paudoarisa, sendo, êste meio mais populoso, aquele onde existe menos o conubio de três.

De resto, todos andam fingindo do que não são e é vulgar vêr uma criancinha cheia de laçarotes, de peles, de fitas, ao colo de uma mulher esfarrapada. Tem-se a impressão de que ela roubou o pequenito, o leva para dar a uns ciganos; se os nossos olhos perscrutam, ela, vaidosa, proclama seu filho aquele petizito, o qual já vai pervertendo, fazendo-o, no futuro, ter vergonha da origem. E as mães de lenço e as filhas de chapéu, espartilhadas, afidalgadas, elas atraz das suas janotices como criadas submissas, ajoujadas de ridiculo que não sentem; tendo, pobres delas, o ar de quem leva à feira as crias empenachadas?

Eis a mentira enorme atirada, num Carnaval perpétuo, para os nossos olhos. Para que hei de ir eu divertir-me nos dias em que a caraça de cartão descobre mais os meus quotidianos mascarados? Por isso no Entrudo entristeço; faltam-me os disfarces, crê, aborreço-me porque no seu falsete, toda a gente é mais sincera.

Roberto calara-se; olhei-o. Na minha frente estava o Diabo minuscúlo, enchifrado, numa recuada venia. Fugi à marrada e ainda não descobri se Roberto se mascarou de Mefistofles, ou se eu ouvi Sua Diablidade em pessoa.

O ministro da agricultura enguliu a joia rara?

Onde se torna a falar dum livro desaparecido — Dois Jordões contra um ministro — A joia bibliografica e a moagem — Alvuras de larinhas — O final duma conferencia — Porque não aparece o livro?

O engenheiro Fernando de Vasconcelos fez uma conferencia na Associação de Agricultura, onde, mostrando os progressos dos métodos, sistemas e serviços agricolas brasileiros, esclareceu muito a decadencia, os tristes meios de que Portugal se serve.

Foi interessante a palestra naquela formosa sala onde outrora, a duquesa de Abrantes ensaiou os minuets, e, bonsico, distraido, fixando o tecto entalhado de alegorias musicais, um homem palido presidiu. Vestia sobretudo e tapavam-lhe parte das botas umas polainas amareladas. Dir-se-ia um forasteiro caído ali sem casaca, vindo ao acaso, para passar a vista pelos apainelados e a mão pelo bigode. Esse homem era o ministro da agricultura, Foutoura da Costa, o do livro desaparecido e como se um remorso o perseguisse ou uma recordação o assaltasse, ele talvez nem escutasse o que o conferente expunha, não só ácerca de culturas brasilicas, mas tambem do pessoal empregado, tecnicos, os chefes, os sabedores. Eu, porem, sentia que só começaria a utilidade de tais dizeres se a assembléa, dedutivamente, deliberasse expulsar aquele ministro ignorante dos trabalhos da sua pasta e sobre o qual pesa a accusação do desaparecimento dum livro de nome exótico do valôr de 5000 pesetas, sobre o qual corre um processo de justiça,

Soavam os numeros, os dados, os notas, e às catadupas, aos borbotões e êle alvando os olhos, seguiu talvez o vôo duma mosca. O caso do livro principiava tambem a prepassar na mente dalguns dos presentes como se esperassem aclará-lo ali e eu continuava a imaginá-lo reu, pelo menos enquanto não explicar como se lhe sumiu das mãos a preciosidade e, abertamente, em pessima situação para lidar com os melindrosissimos negocios da sua pasta. A moagem tem tambem o seu livro caixa; o livro mais apetitoso do que a joia bibliografica escamoteada do liceu do Carmo e sempre que este ministro a defenda — e já o fez — uma onda de desconfiança deve subir.

Ha dias, no parlamento o deputado senhor Jordão — é também Jordão, quem o acusa do sumiço do celebre livro — declarou que a moagem maniganciara de tal maneira que o trigo no Alentejo era vendido por um preço superior ao de Lisboa e Porto tornando o pão carissimo; e vai daí o ministro — o do livro — ripostou resultar daí uma economia para o estado. Não se satisfez o interpelante mas não soube também retorquir, porque se adregasse dizer diante de mim tais palavras, teria feito demitir o titular da pasta, marcando-lhe simplesmente que se as poupanças em questão vinham dele a falta do livro raro também se lhe atribuiria e daí — eu deputado — o intimar, primeiro a restituir a obra ou dar conta dela, segundo a demonstrar as tais economias.

Jordão, acusador ácerca do famoso livro, é mais ousado do que Jordão acusador no caso das farinhas, mas o que é certo também que todos estes Jordões não lavam o ministro antes o sujam.

O orador — lá ía continuando a referir-se a uns lucros exagerados de moageiros e o antigo franquista, hoje democratico de envergadura, nem estremecia, parecia querer desvendar, sob as roupagens esvoaçantes dum anjo flutuando no tecto, algumas brancuras de carne que lembrassem farinhas.

A assembléa interessava-se e sua excelencia preso — por emquanto ainda não é como devia ser — quero eu dizer, ligado a algum sonho alto em que entrassem economias, seguia no espaço qualquer cousa invisível para nós: espirito de moageiro morto ou rastro de moageiro vivo, saca de putreia ou bago loiro de trigo exótico como o livro que de suas mãos fugiu e no seu olhar, no seu aspecto triste, no seu rôsto côr de cêra, o bigode parecendo colado sobre o labio, dava a ideia dum sofrer de cousas d'alma ou de lombriga, de amôres mal correspondidos ou de tenia.

Quando o orador acabou, estremeceu, acordou do seu sonambulismo e balbuciou duas palavras neste genero, apenas de duas até seis, não mais:

— Muito bem, muito bem, v. ex.^a . . .

E foi naquele momento que eu compreendi a falta do livro e onde êle se encontra. Tinha-o engulido e custava-lhe a desembuchar.

Não esperem mais do homem, emquanto não lhe tirarem a obra a ferros, já que em ferros não se atrevem a metê-lo.

Como bandidos podem gerar a liberdade

A alegria dos pobres — O drama da engomadeira e do canario — Os gorgeios duma ave amada — O preço do pão e da alpista — A tragedia dum passarinho — Tanto ladrão á solta!...

A minha engomadeira é morena e alegre; todas as manhãs, enquanto assopra o ferro, de mangas arregaçadas, muito córada, lança um grande olhar pela rua pobre e depois, com um grelito de couve na mão, chama o seu canario belga às gradinhas da gaiola e põe-se-lhe a fazer festas. Pipilante, movediço, mexendo a cabecita gracil, o passaro agradece-lhe e entra a cantar mesmo quando não ha sol no Monsanto, nem loiridões de luz na baixa de Campolide.

O bom humor daquela rapariga, que vive só, gera-se em grande parte na sua avesita vivaz, á qual muda a agua dô bebedouro como se desse um sorvo fresco a um filho e enche de alpista o comedouro com o carinho e a ternura de quem cumpre um rito.

Depois, todo o dia, ela engoma, passa a roupa, esforça-se a dar lustro nos colarinhos e nos peitinhos, para, á tarde, sair em cabelo, levando embrulhada numa toalha alvissima, o seu trabalho do dia. Da rua lança um olhar para a janela e o passarito solta o seu trinado. O mesmo succede quando volta e acende o misero candieiro; desfaz-se em canto, o canario belga, a saudar a luz e a dona que o sustenta e o ama, o acalenta e adora.

Pois, uma manhã destas, a minha visinha, tão trabalhadeira, appareceu de ar abatido abatido, sem um riso nos labios vermelhos e com um mais demorado olhar para o passaro que, como sempre, gorgeava.

Talvez o carbone do ferro dengomar a sufocasse, talvez algum amorzito a pungisse, decerto algum desgosto destes que não se perguntam ás mulheres, — coisas muito delas, intimas as quais guardam tão preciosamente das vistas, como escondem os seios, — a corroía.

Lidou todo o dia e á noite foi ao seu giro, voltou e via-a rondar a porta duma mercearia e sair de lá num ar desgostoso, falando sósinha. Quando acendeu a luz, o passaro calou-se, emudeceu e ela — via-a eu na sombra da sua cortina branca — curvou-se, a apanhá-lo, pôs-se a beijá-lo tão sofregamente como se fosse essa avesita canora, um principe encantado, que tivesse por amante, ciosa e avara por seus olhares.

Passou a noite e, na manhã seguinte, reparei que agarrara a gaiola,

com lagrimas escorrendo-lhe pelo rôsto fatigado, olhara o espaço azul, todo lavado com nuvens distantes e esfumaçadas, e, então, segurando aquela bolinha loira e dando-lhe um beijo no bico tenro, fizera menção de a soltar, de a deixar fugir por esses ares mas tornara a enclausurá-la e e caíra no seu banquinho a soluçar.

Imaginei que ía morrer, suicidar-se e não queria deixar sósinha a ave do seu affecto, o canario da sua companhia. Uma larga e forte tragedia de paixões ou de fomes passou no meu espirito. Não me contive e interroguei-a ao vê-la, novamente, a esboçar o seu gesto de libertar o animalsinho.

— Que vai fâzer, visinha?

— Vou deitá-lo a voar . . . Ele gosta muito de alpista, eu já não a posso obter . . . Não estou para o vêr entristecer a ponto de nem para a luz cantar . . . E é tão bonito, alegrava-me tanto . . . Mas não póde ser . . . Não o posso sustentar . . .

— Porquê, -menina, porquê?

— Porque se o meu pão de farelos me custa os olhos da cara, a alpista para êste passarinho está a oito mil reis o litro . . . Vou deitá-lo fóra . . . Não tenho posses para o guardar . . .

Chorando lá abriu a mão mas não se atreveu, beijou-o ainda enquanto eu pensava no drama daquela alma gerado pelos ladrões que assim encarecem as mais simples cousas, nascido dos miseraveis que, enriquecendo, por todos os modos, nem deixam a uma pobre engomadeira sustentar o seu canario. Então—singularidade das cousas neste mundo!—eu vi a avesita voar, estrebuchar, soltar-se e exclamei:

— Olha como os bandidos pódem gerar a liberdade!

Como se me ouvisse, o passarito ensaiou um adejo do beiral do telhado, e muito lindo, todo scintilante na luz—parecendo não querer dever a infames a sua alforria—foi meter-se na gaiola e cantou, dobrou a voz, retiniu num assombro enquanto a dona chorava.

Mandei-lhe alpista mas esta manhã o passarinho morrera soltando o derradeiro cântico, sem tocar na semente doirada e luzente como ele.

Os ladrões continúam vivos e não comprehendem como se póde chorar tanto por um canário tão pequenino.

Os Novos ricos no Tavares rico

Apologia do dinheiro — Napoleão alçapremado — Contactos doces e olhos lânguidos — As grandes batalhas do commercio — Aspirações de um novo rico — Como falhou uma condessa.

Na sala do Tavares, lá em cima, muito aconchegada e silenciosa, tive ocasião de ouvir palavras de elogio de um novo rico e de sua esposa, gordinha, de olhos ramalhudos, que, nos seus tempos, devia ter vendido hortaliça, pois sempre tinha uns ademanos, uma forma de pôr a mão na cinta, que eu estou muito acostumado a vêr nalgumas descalças de olhos tão pestanudos como os seus. A fortuna bafejara-a; decerto aprendera alguma coisa porque foi dela que partiu o primeiro olhar de simpatia para mim quando eu explicava ao meu conviva, um moço conde, de nobresa do fundo dos seculos, que sempre houvera novos ricos e a eles se devia a marcha do progresso.

Que novos ricos tinham sido os conquistadores e os guerreiros, pois, então, não era assim? Que demonio?! Aqueles soldados da conquista aos mouros, os escaladores de fortalezas a quem davam terras, e que se tornavam ao cabo de anos novos ricos: novos ricos! E os navegadores, os donatarios, os assaltantes? Vasco da Gama, Alvares Cabral, Albuquerque? Novos ricos . . . Tão novos ricos como o rei do petroleo, do aço e dos chouriços de sangue, que reinam na America republicana, casam as filhas com principes porque o dinheiro não cheira a petroleo nem a unto e com êle até rialezas se compram . . .

Neste momento, vi os olhos, não menos ciliados da filha, toda moderna nas suas zibelinas, voltarem-se para mim com agradecimento e senti o braço polpudinho e claro da mãe, todo tilintante de pulseiras, encostar-se um pouco ao meu. Olhei-a; ela sorriu-me docemente. O marido encarava-me com simpatia, o filho mirava-me com respeito, e, num instante, naquela doce sala do *restaurant*, onde o Benito servia como um duende, quasi como um silfo, no seu silencio de bom tom, houve um grande enternecimento duma família burguesa para comigo tão povinho, tão pé fresco, que me comoveu.

Quiz desembaraçar-me de tal pieguice e sem saber porquê, continuei a explicar a minha teoria dos novos ricos, dos alçapremados, a que chamam tambem *parvenus*.

— Napoleão . . . Napoleão — tornava com convicção profunda — Pois o que foi o Cesar senão um novo rico . . . ?

E era toda a sua miséria de póbrego tenente, o fardamento rapado, as suas dôres para sustentar uma família numerosa, na França convulsio- nada, que eu contava e bem assim a hora em que teve esperanças, em que batalhou e obteve o seu primeiro dinheiro. Calculista, ambicioso, forte no seu mistér, com o génio da guerra, como outros possuem e dos negócios alçou-se a um trono como um alto talento financeiro domina um mundo de dentro dos seus escritórios.

Que era, pois, Napoleão?! Um novo rico . . . ! um novo rico . . . ! Mil anos que eu viva jámais poderei esquecer a doçura enterneçada do olhar da nova rica e a pressão do seu solido braço contra o meu. Tão embevecido estava que nem reparei na calada do meu amigo. Já não protestava; deixava-se levar por meus apologeticos dizeres, que não paravam jámais:

— Sim, novos ricos são todos os vencedores; não diferem em causa alguma deles e no fim, repara bem, como do grande *parvenu* napoleo- nico restam famílias reais . . . Quem diria a êsse tenente corso, a êsse novo rico da epopêa, a êsse explorador genial da guerra que, um dia, um dos seus casaria nas camadas de sangue velho como o mundo, com pa- rentes dos senhores reis de direito divino e andariam ligados ás mais antigas aristocracias? Pois, sucedeu; e a historia não se cansa de o enaltecer como um dia, quando acabarem os conquistadores teatraes, e seus numerosos exércitos, ela contará os grandes combates das indus- trias, os soberbos encontros dos capitais, as magnificas cargas do ouro contra o ouro, esses Eylau, esses Austerlitz, esses Wagram de radio ou de carne fumada, de carvão ou de cervejas, de trigo ou de graxa, formi- daveis epopeias, do negocio . . . E no fim, ao cabo de todas estas vitó- rias, as filhas e os filhos destes triunfadores poderão escolher reis sem bastardias, imperadores depostos, suzeranos na miséria para darem os seus nomes, que rolaram out'ora no fragor do mundo, aos descendentes dos grandes ricos, dos novos ricos.

Neste instante o homem não se poudo calar; alongou o braço po- deroso, sem duvida, enquanto a mulher me chegava mais o seu, e ex- clamou radiante:

— E' assim mesmo . . . Nunca me lembrei que pudesse ser assim a comparação mas é . . . Olhe aqui estou eu — e bateu no peito — que não sou bem um novo rico de agora, já ha dez anos que me amanho bem — não é verdade, Rita, ha dez anos?! — sentindo que aquela pequena que ali está — apontava para a formosa filha — ainda póde vir a ser . . . o quê? . . . o quê . . . aí condessa . . .

As faces da rapariga escarlataram-se, os seus lábios entreabriram-se num sorriso e êle, dirigindo-se ao filho, acrescentou: aquele é que é peor . . . Nunca pode mudar de nome . . . Quer dizer . . . Posso comprar- -lhe um título . . . Até no Vaticano se vendem como a agua benta . . .

Ela fez-lhe signal para que calasse as heresias e fitando-me bem mostrou consoladamente a sua alegria no mover dos labios sensuais e no brilho intenso dos seus olhos pestanudos.

— Assim ainda eu posso, com o meu dinheiro, comprar o direito de ser avô de principesitos até . . . Viveremos todos nos palacios reais que se compram e depois a história, quando o meu neto subir ao trono, hade dizer de quem era filha a sua mãe . . .

Delirava o novo rico; mandava abrir *champagne*, e eu, na mes- ma toada com que o enaltecera, ante o silencio do meu amigo embe- vecido, disse:

— Ah! Isso é que não... Lá guardarem as fortunas... não... Podem chamar-se príncipes, arquiducos e grãos duques mas terão que desistir do dinheiro.

— O que?! Porquê?! interrogava o homem num desvairamento.

— Porque ha agora uns senhores na Russia que querem uma certa partilha de bens... e tambem já por aí aparecem as suas péssimas idéas...

— O meu dinheiro... o meu dinheiro...

Senti arredar-se o braço de *madame*; vi o marido cabisbaixo enquanto alastrava na toalha a espuma loira do *champagne*, esquecido, abandonado.

O meu amigo, balbuciava:

— Desmancháste tudo; eu estava a namoriscar-lhe a filha e fazia-se dela uma condessa abracadrabante.

A Bisbilhotice lisboeta

O culto da curiosidade — Os misterios da rua do Ouro — Os officiaes das ruas da cidade — como no Porto não ha ociosos — A descoberta da India e os embrulhos de "madame," — Os pais dizem com os nomes das certidões ?

Lisboa á qual se chamava de muitas e variadas gentes é agora de gentes imensas e desvairadas. A cidade atulhou-se e como ninguem trabalha, ou sai muito cedo dos empregos, chega-se a ter a impressão da turba desordenada, tumultuosa, diferente das que enchem Paris e Londres descendo por um lado dos *boulevards* e *squares*, subindo pelo contrario, para não se baralhar, atropelar, confundir num báratro.

Aqui não. A maioria das pessoas sai sem ter que fazer, passeia, dá fé ou dá-se ares e quando um desgraçado, cheio de obrigações, pretende romper a massa ociosa aglomerada em frente das montras, ou dos *placards* ou simplesmente paralisada na palrança das portas, logo lhe chamam bruto se vai de encontro aos que pagam e cousa alguma produzem durante a maior parte da sua vida.

E' que não se julgue uma acusaçào do acaso a afirmativa; grande parte dessa gente que se repimpa nas esquinas pertence ao estado, é funcionario ou militar e deu uma saltadinha da repartição ou do quartel á rua do Ouro ou ao Chiado, afim de se mostrar e vêr ou então mergulhou nos Capelistas, jogou e andou para o seu pousio.

Sabe-se que para encontrar certo chefe de repartição se deve ir á camisaria da esquina de S. Nicolau; para se topar o agronomo, de quem depende tal ou tal despacho, não ha melhor do que esparecer até á Loja das Aguas; que para falar a um primeiro officia, muito cheio de encargos publicos, basta entrar na Brazileira e isto é assim com os do Registo Civil e com os de artilharia, com os dos Proprios Nacionais e com os da guarda republicana, com os da Junta de Credito Publico e com os de marinha, sobretudo agora que, á mingua de barcos armados por medo das suas proezas, se despejam sobre as ruas as tripulações.

Entretanto, nas repartições e nas casernas, no Arsenal e nos ministerios estão uns senhores, sempre os mesmos, cansados, massados, trabalhando que não são por isso mais bem vistos e muito aos mandriões desagradam. São os *carniças*, os que sabem onde estão os papeis e como se preparam os despachos.

Ora o que se dá em Lisboa não sucede no Porto, onde se repararia se determinados individuos enchessem os passeios com as suas pessoas, emquanto a maioria da população produz, trabalha. A vadiagem elegante ou de meia tigela não existe na capital do norte, e se vivem alguns habitantes da alta, sem ocupação, estão nos seus *clubs* ou nas suas partidas de *tenis*. Os de baixa estofa esmolam, emquanto a policia não lhes inquire das vidas e não os mete na cadeia.

Nada mais extravagante que diferenciar um montão de fardas paradas no canto duma rua. Imagina-se um exercicio, uma revista, uma cerimonia militar quando, no fim, apenas se trata dalguns officiais que, diariamente, se juntam no mesmo sitio, afim de descobrirem se *mademoiselle* já subiu mais uns palmos de saia ou se *madame* leva muitos embrulhos

Uma fotografia da rua do Ouro á tarde revela a vacuidade nacional e a bisbilhotice portuguesa, as quais cada vez vivem mais nos nossos animos sem, todavia, nos conduzirem já onde outras curiosidades, de mais alta monta, levaram outróra, alguns dos nossos antepassados.

Muito seriamente, Roberto, que tambem tem o culto da bisbilhotice, só para demolir e clamar, queria outro dia defendê-la para apanhar a certo inquiridor dos escandalos uma noticia àcêrca dos novos lucros que a moagem pretende usufruir e, então, galantemente, suavemente, todo meli-luices, dizia ao grande curioso ser este neto dos mais illustres homens de Portugal em seu feitio desvendador:

Pois que tinham sido as descobertas mais do que grandes bisbilhotices ás quais não se podia resistir? . . . A' India foi-se para ver se estava lá o Prestes João e ao Brasil para se procurar uma cousa de que se falava tão nebulosamente como os officiais da rua do Ouro procuram desvendar o que conteem os embrulho conduzidos pelas senhoras passeantes . . . E ele podia contar da moagem como um cronista das proesas maravilhosas, dos roubos ultramarinos. Até lhe ficava bem . . .

O outro julgo que contou e pela primeira vez me agrada o culto da curiosidade, embora ela não me leve a profundar quem são os anónimos que me escrevem, ameaçando-me ou dizendo-me mal de varias pessoas, quando melhor fariam — como bons lisboetas bisbilhoteiros — em profundar se seus pais verdadeiros são aqueles os que referem as suas certidões de baptismo.

A „Monumental” folia ou „Monumental” roleta

**Uma noite de carnaval — Diversas máscaras —
O baile da sala e o da roleta — O amor e o jogo
— As danças das cartas — O sabado magro num
club lisboeta**

No meio da sala, uma meia duzia de pares enlaçados, movia-se ao som da musica estrepitosa e, em volta, defronte das mesinhas, uma centena de rapazes conhecidos tomava os seus cafés, os seus chás, um ou outro cálice de licor, fingindo-se animados, gosadores, naquela atmosfera de fumo, denso, sufocante, toldando as decorações do tecto. Alguns dos espectadores tinham na sua frente uma garrafa de *champagne* vasia que podia muito bem ser do ano passado, como todos aqueles trajés pelintras das fêmeas, movidas em seu reboliçar profissional, de mascaras nos rostos, sem graça sem espirito, passando dos braços de uns para os de outros, na confusão da musica, sob a camada fumarenta. Meia duzia de *confetti* pintalgavam os trajés dos homens, entre os quais duas duzias andavam ensmokingada sem saber o que fazer das mãos, lentos, sem um berro, nas orlas do salão, onde os creados serviam ou policiavam as mesas, as defendiam, as destinavam para os que deviam chegar depois de um outro baile.

É que enquanto ali se balanceavam as mulheres nos seus trajos sem belêsa — um Cesar de Bazan de pernas de bilhar, uma espanhola sem donaire, uma circassiana odorosa a suor, no meio dos quais resplandecia uma loira esplêndida de carnação lactea, desmascarada e semi-núa — lá dentro havia uma outra dança que corri a vêr, desfitando Gago Coutinho, pequenino mirrado, bebendo o seu café e Sacadura Cabral a quem as mulheres não procuravam naquela noite de festa carnavalesca no «Monumental», o grande club lisboeta, onde esperava vêr correr, ao menos nessa noite, mais *champagne* e menos bolas de roleta.

Foi essa dança que presenciei, esse farandolar na sala vizinha, diante das mesas onde se acachapam novos e velhos, juizes de hoje e réus de amanhã, militares à paisana, gente que, finalmente, comecei a compreender como vive, e que veste bem, come melhor, não produz nada, só porque à noite, com uma pásinha, dirige aquele baile das cartas, dos dados, das bolas.

A sarabanda é contínua e fere a vista; não se ouve outra musica além do entrecho, que das fichas vermelhas, brancas, verdes, em madreperola, redondas, quadradas, que pulam, rolam, passam, se agitam, mascaradas de dinheiro, desafiando os dedos, as mãos, mais tentadoras que as mulheres saltitantes, extravagantes na sua pobreza, a dançarem sempre como aquela bola da roleta rodopia sem cansar.

Essa volteja, sibila, prepassa como uma bala pronta a ferir, a dar a morte ou a esperança naquele carnaval de que se ouve um ruido longinquo da musica, da folia mansa, cada vez que se abre a porta por onde entram lufadas de sons. Mas logo, como se tudo aquilo acabasse para fechar num sepulcro quem na casa do jogo entrasse, era sempre o tilintar dos dados as vozes sumidas dos *croupiers*, o sibilar da esfera no aparelho que se ouvia. Alguns jogadores devoravam em mesinhas baixas, as manjedouras do vicio, junto das cartas que não queriam largar, muito tentados; mulheres pálidas olheirentas debruçavam-se sobre os ombros de outros e à cabeceira, numa das bancas, luzia, como uma bola vermelha, enorme e furunculada, a cabeça de um velho falripada nas fontes, ressaíra o seu nariz carmezim, enorme, a violacear-se, por vezes, como uma beringela; as suas mãos curtas seguravam o baralho e podia reconhecer-se naquela gordura e naquela face de penca ciranesca e faunica um comerciante que enriquecera levando alguns anos; defronte, de cabeleira branca, a barba alva, outro que empobrecêra mas guardava galantarias de trajar, e, em volta, rapazinhos imberbes, fêmeas, um ou outro rosto conhecido, surgiam jogando na sala bonita, de tectos altos — tão boa para uma escola de artes — onde os creados librézados passavam atentos ao menor sinal.

Lá fóra, dançavam as mulheres suadas; cá dentro bailavam as bolinhas nas suas eternas sarabandas fazendo transpirar os que iam pondo o dinheiro naqueles numeros estranhos, coloridos, que pareciam dançar tambem diante dos jogadores silenciosos, naquele ar que chamam da correcção, do sangue frio — a linha da batota — e que eu, analisando o bem, titulo de freio aos sentimentos.

Em torno daquelas mesas só ha inimigos: os que ganham e os que perdem, exactamente como na vida, levada numa batalha.

Os olhos reluzentes do rapaz de aspéto pobre, que estava no canto da roleta, brilhavam de inveja para as mãos de um negro bem vestido que armazenavam fichas e luziam de aneis; a sua voz cansada, rouca, exprimia

desespêros ao confessar a outro, glabro, de *smoking*, a sua derrota. Vinham roçar-se pelos homens as mulheres que traziam a idéa fixa de ganhar alguma cousa no intervalo do baile, e de novo a rajada da sala vizinha chegava, desta vez num ruído cavo, perdido mal a porta se cerrara.

Não se passa daquela monotonia em torno das mesas na qual se geravam, todavia, tragedias, nessa noite de carnaval em que ninguém se divertia; todos se acachapavam diante de uma banca de jogo ou de uma mesa de ceia, cheinhos de preocupações, tentados pelo que ali se faz, vencidos uns, ansiosos outros.

A fumarada era cada vez mais espessa; duas raparigas mascaradas pareciam fugir seguidos por uma velhota de ar decente e modestasita; uma mulher alta, vestida de granadina, largára a correr, num rumor de vozes mais alteadas, e após o tilintar de vidros partidos. Viera surpreender o amante naquele traje, disfarçado, procurá-lo e o unico rugido de amor que ali se escutou nessa hora que devia ser de tontura foi o dela, derrubando as mesitas, empurrando, tendo quebrado alguns copos. É que ninguém mais fala galantemente; a fêmea desinteressa-se imenso e o macho, petulante, recosta-se nas cadeiras e queda-se a vêr dançar. As frases trocadas entre os dois sexos adivinham-se porque três ou quatro igualmente se escutaram, vindas de labios diversos.

— Ganháste?! O quê? Perdeste...? Hoje não veio a bola...? Não sei que diabo tinha a banca francesa... Olha que mudei de jogo dez vezes...

E ela, muito desesperada tambem, esquecida do donaire, da graça, do seu disfarce, falando no seu vício ou na sua necessidade, sem mais pensamento que o dinheiro, submissa a essa paixão que a prende confessava:

— Eu tambem nada... Ó filho... Isto é que é azar. Andei pertinho uma data de vezes... Mas que queres?!... E olha que já troquei as ligas... Nem assim...

Um esguicho de musica sóbe, esparrinha, tortura com seus ruídos fortes de *jazzband* selvatico — a primeira invasão negra na civilização — e ela em vez de ir dançar, intrigar, rir, fica de braços caídos, desalentada, tão indiferente ao baile como se a tivessem levado para outra sala.

Não ha mais um dito de espirito; toda a gente ceia, altas horas, na preocupação do que perdeu ou poderia ganhar e a beleza feminina murcha, abate-se, fana-se sob o influxo daquele aborrecimento dos homens que tambem a seu seio chegou.

A luz a jorros, o fumo toldando o ar, o baile de gente suada e de pensamento lá longe, tudo isto constitue a noite carnavalesca, igual ás outras e lá dentro, na outra sala, é que se dança, é que se vibra, é que o entusiasmo sobe ou a tristeza punge; é o baile da roleta, diante da qual todos os que jogam são eguaes, quasi se tratam por tu, sem nunca

se terem visto; é a dança da carta que um homem calmo puxa, sereno e inflexível, é a *jota* do dado, a *walsa* do valete, a *polka* da dama, o *fox-trot* do baralho, a *quadrilha* da jogatina.

Nem um rapaz engraçado surge petulante ou arruaceiro agarrando as fêmeas, beijando-as. Escandalizada, por seus modos, aquela sociedade que devia agitar-se a divertir-se e no fim apenas se massa. Uma grande tristeza se exala daquele meio onde a musica tem o ar de ser um pretexto para não se ouvirem queixas.

Nas margens da sala, desfilam, quando a noite avança, os *smokings*, as casacas, numa teoria lenta, de passos breves, como se companhassem um enterro: o da velha alegria, o de outros prazeres em que se gritava, se beijava, se bebia, se enlouquecia, homens e mulheres dançavam, riam, enquanto as bolas, os baralhos, as roletas, viviam no misterio de casas tristes, e bem guardadas, não fosse a policia levá-las para a Boa Hora entre um *cheché* pingado e um estroina de cabeça aberta.

Nessa época, que não vai longe, porque não sou velho, os palacios se viam passar róstos murchos não eram decerto no Entrudo.

Assim descí para a rua, para o ar, para a tipoia, bem abafado, hoje sabado magro, como se estivesse em plena semana santa, porque aquelas diversões são sempre eguaes: não passam da mascara do jogo quer a folia tilinte guizos, quer os sinos dobrem a finados.

E como êste ha assim dez, vinte, trinta palacios onde a musica e o *restaurant* são o pretexto para se perderem quantias monumentais e se apanharem monumentais desesperos, sabendo-se dos que enriquecem, explorando a banca, enquanto o estado não tem dinheiro para assistir aos desgraçados, ainda num escandalo monumental de tolerancia e de cumplicidade.

SUMÁRIO DO N:º 7

SABADO, 17 DE FEVEREIRO

Carta sem selo ao Chefe do Governo — Os da cocaina e outros envenenadores — O homem da nova Revolução, etc.

A Independencia do Brasil

E UNANIME A IMPRENSA EM DIZER QUE ESTA OBRA DE
ROCHA MARTINS

EDITADA PELA "LUMEN"

É O SEU MELHOR TRABALHO LITERARIO. A SEGUIR PUBLICAMOS A IMPRESSÃO DO NOSSO COLEGA, O ILUSTRE JORNALISTA E DIRECTOR DO "COMERCIO DO PORTO" SR. BENTO CARQUEJA:

A INDEPENDENCIA DO BRASIL

de **ROCHA MARTINS**

O illustre escritor, que é entre os nossos modernos homens de letras um dos mais trabalhadores e infatigaveis, atirando ás mãos cheias verdadeiras joias, quer nos livros que anualmente publica, quer nos seus artigos de crítica ou polemica nos jornais, onde é um dos mais brilhantes espiritos, consegue ainda consagrar-se a estudos que demandam larga investigação como o que temos presente, «A Independencia do Brasil», obra destinada certamente ao maior exito, não só entre nós como na grande republica sul-americana.

Neste livro, que é escrito sobre a mais moderna orientação da crítica, historica, trata o oistintissimo escritor da época em que D. João VI se encontrava no Brasil, dos antepassados da independencia, da revolução de 1820, das revoltas percursoras, pondo em relêvo as causas que levaram o Brasil a separar-se da metropole.

Na obra, imp rtante para o estudo das causas que tornaram facil a independencia e levaram aos espiritos o fermento da revolta e o espirito da emancipação, estuda o operoso escritor, com a imparcialidade e a seriedade que costuma pôr em todos os seus trabalhos historicos, os principais factos da independencia e as figuras dominantes da época.

Presta o sr. Rocha Martis, espirito lucido e brilhante, um grande serviço ás letras patrias e ao Brasil com a sua obra a que não regateamos os nossos elogios, de todo o ponto merecidos.

SÓROS E VACINAS

TODAS AS EMBALAGENS SÃO ACOMPANHADAS DE SERINGAS E AGULHAS

INSTRUMENTOS CIRÚRGICOS
APARELHOS DE MEDICINA

Estabelecimentos **ALVARO CAMPOS**

LISBOA-PORTO

Telef. 1017-Central

